

ENSINO AGRÍCOLA APROXIMA-SE DA REALIDADE EMPRESARIAL



88

A agricultura está a passar por um processo de renovação, com a chegada ao sector de profissionais especializados, com formação de nível superior. Carlos Noéme afirma que «temos hoje uma preocupação das gerações que têm terra disponível de aproveitar para que seja um filho, ou filha, a ficar à frente da exploração com formação agronómica». O presidente do Instituto Superior de Agronomia sublinha que «só assim é possível termos cada vez mais explorações agrícolas modernizadas, com bons níveis de produtividade e até exportadoras embora, neste caso, desde que associadas para poderem atingir massa crítica». Por seu turno, Vicente Sousa, diretor da Escola de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), comenta que assistimos a «um salto qualitativo enorme em Portugal», verificando-se um significativo “regresso à terra” de jovens com formação em diversos domínios, agrário, ambiental, comercial, entre outros, que

SARA PELICANO
JORNALISTA

O ENSINO NO
SECTOR AGRÍCOLA
EM PORTUGAL
TEM VINDO
A PERCORRER
UM CAMINHO
DE APROXIMAÇÃO
À REALIDADE
PROFISSIONAL.
DE NORTE A SUL
DO PAÍS.

trazem para a atividade uma visão moderna e aberta ao mundo». O professor transmontano assegura ainda que «as empresas e associações do sector estão a equipar-se com recursos humanos qualificados». Para este responsável, o ingresso de profissionais com conhecimentos académicos no sector são já visíveis «em numerosos domínios como o sector vitivinícola, o das frutas e legumes, ou o pecuário».

Na senda da formação adequada à realidade empresarial, a Escola Superior Agrária de Santarém (ESAS) tem desenvolvido um projeto de ensino muito voltado para a prática. A escola tem, dentro do seu espaço, uma incubadora de empresas que permite aos alunos iniciarem a sua própria empresa agrícola. Os jovens empreendedores são desde logo acompanhados com proximidade pelos técnicos da escola. António Azevedo, diretor da instituição de ensino ribatejana, explica que «temos um conselho científico que faz o acompanhamento tutorial do aluno e

temos, no exterior, um conjunto de facilitadores que mostram às empresas os nossos produtos. Aquilo que queremos mostrar ao aluno é que o nosso projeto educativo não acaba na atribuição de um diploma, acaba antes na constituição da empresa. Aquilo que se pretende é que o plano de estágio do aluno seja um plano de negócio». A ESAS pauta o ensino pela aproximação à sociedade civil, abrindo inclusive os seus 200 hectares de terra e capacidade industrial a empreendedores externos à instituição. «Há dois anos abrimos a escola a profissionais que já estiveram instalados mas que, por alguma dificuldade na vida, tiveram de cessar a sua atividade. Aqui podem retomar os seus projetos. Isto mostra aos alunos que é possível manter uma empresa e também temos a possibilidade de, em vez de fazermos análises, determinações, para deitar fora, podemos integrar os alunos em contexto de trabalho. Há a possibilidade desta gente instalada ser integrada nas atividades de ensino. Criámos assim um projeto educativo muito virado para o exterior, para a sociedade civil», explica António Azevedo. Com este método, a escola pode fazer formação académica, mas também fazer uma certificação das competências profissionais dos alunos que estiverem integrados nas atividades de laboratório e da exploração.

Um método de ensino que poderá colmatar a dificuldade apontada por Vicente Sousa, da Escola de Ciências Agrárias e Veterinárias da UTAD: «ao nível do ensino superior é necessário que se abram ao exterior, fortalecendo a ligação ao tecido produtivo e às empresas. Sobre tudo nos programas mais avançados de mestrado e doutoramento é necessário sentir as necessidades do sector e orientar a investigação e o ensino para a resolução de problemas concretos numa lógica de valorização económica do conhecimento». Carlos Noéme, assegura que no ISA os alunos são preparados «para estarem sempre muito atualizados ao nível dos métodos de produção para que, quando forem responsáveis pela produção, possam ser inovadores e consigam ter uma competitividade crescente num mercado muito exigente».

Os desafios do ensino estão bem delineados para o professor do Norte. Vicente Sousa afirma que «os índices de qualificação em Portugal estão muito abaixo dos nossos parceiros, que também são nossos concorrentes. Temos portanto perante nós, um gigantesco desafio de qualificação da população que confere ao

VICENTE SOUSA



AS INSTITUIÇÕES
DE ENSINO
APOSTAM NA
COMPONENTE
PRÁTICA PARA
QUE OS ALUNOS
TENHAM UMA
FORMAÇÃO
PRÓXIMA
DA REALIDADE
EMPRESARIAL,
MAS TAMBÉM
NA INVESTIGAÇÃO
PARA MELHOR
PODEREM
CONTRIBUIR
PARA A INOVAÇÃO
DO SECTOR

ensino um papel chave no futuro do país». Em Santarém, António Azevedo tem outros desafios pela frente. O professor quer integrar a escola num eixo Lisboa e Vale do Tejo, passando a integrar as estruturas do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV). «Gostaria de transferir este projeto educativo para um nível regional com outros conhecimentos, outra dimensão. Teríamos uma área de laboratórios, de produção muito maior, usando terrenos que estão devolutos. Passávamos a falar da possibilidade de receber mais de três mil alunos e abranger graus de doutoramento. Poderíamos trabalhar outros segmentos de forma mais profissional». Para Carlos Noéme, o futuro do ensino em Portugal deverá seguir «as grandes tendências que já se verificam a nível internacional e que, em Portugal, as melhores escolas tentam também seguir». O professor da instituição lisboeta pormenoriza: «trabalhar em parceria, realizar cursos com participação de outras escolas, tal como Bolonha preconiza, e ter em conta que o ensino deverá estar muito ligado à sociedade à qual os seus quadros vão ser integrados». Carlos Noéme remata que «o ensino deverá ser de muito boa qualidade nas suas bases fundamentais, deverá ser inovador e transmitir aos alunos a necessidade de trabalhar em ambiente competitivo».

O PROBLEMA DA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

As instituições de ensino, sobretudo universidades, albergam ainda uma componente de investigação científica. Especialistas procuram avançar no conhecimento para tornar as empresas mais inovadoras e competitivas. No





O QUE DIZEM OS ALUNOS?

O presidente da Associação de Estudantes da Escola Superior Agrária de Santarém, Daniel Branco, congratula-se pelo ensino prático que a sua instituição de ensino lhe proporciona, sentindo-se preparado para integrar o mercado de trabalho. Embora sublinhe que é caso paradigmático, porque sendo filho de agricultores já escolheu esta área de estudo para poder continuar o trabalho dos pais, Daniel afirma que há futuro no sector. «Por vezes, os alunos não conseguem, mal terminam a formação, encontrar emprego na área. Mas, os que persistem na procura, em pouco tempo arranjam o emprego onde podem aplicar os conhecimentos adquiridos na escola». Por outro lado, Sofia Marques, engenheira agrónoma, licenciada no ISA, confessa que quando chegou ao mercado de trabalho «sentiu que sabia zero». Igualmente filha de agricultores, Sofia foi desde cedo apoiada pelos pais para ingressar numa formação superior ligada à agricultura para poder dar continuidade à empresa familiar, mas com outros conhecimentos. A estagiar com o pai, Sofia confessa que passado o «choque» inicial, os conhecimentos académicos têm sido úteis. «Com o dia-a-dia começo a perceber como aplicar os conteúdos que aprendi na faculdade».

«AS EMPRESAS
E ASSOCIAÇÕES
DO SECTOR
ESTÃO A
EQUIPAR-SE
COM RECURSOS
HUMANOS
QUALIFICADOS»

entanto, a transferência desse conhecimento académico para o mundo empresarial nem sempre é um processo fácil.

A ESAS e a Escola de Ciências Agrárias e Veterinárias já revelaram que se posicionam ao lado das empresas para transferirem o seu saber. Ainda assim, Vicente Sousa comenta que a génese da UTAD está numa atitude de ligação «da Escola ao tecido produtivo e às empresas», o que é «importante numa lógica de produção e transferência de conhecimento, que melhore o seu desempenho e contribua para a criação de riqueza». O responsável sublinha ainda que «na sua componente agrária, a UTAD assumiu uma forte ligação à região e aos diferentes sectores de atividade. O fortalecimento dessa atitude conta com uma entusiasmada rede de antigos estudantes, que vestem a nossa camisola, e que encontramos muitas vezes em posições-chave das empresas».

Em Lisboa, Carlos Noéme elucida que a transferência de conhecimento académico para o mercado «é um problema com que as universidades portuguesas se debatem». A dificuldade, diz, «parte das empresas, mas também da universidade». O ISA tem desenvolvido iniciativas para contornar esta dificuldade, por exemplo, estabelecendo parcerias e protocolos com as empresas. «Estes protocolos têm estado a aumentar de forma significativa e temos estado a alargar a possibilidade de prestação de serviços diretamente às empresas, o que é uma forma muito eficiente de transferência de tecnologia», esclarece Carlos Noéme. À semelhança de Santarém, o ISA tem igualmente uma incubadora de empresas, a INOVISA, que promove essa transferência de tecnologia.

